

Trocas de CEOs em grandes empresas marcam 2024

Sucessão Mudança no alto escalão tem sido motivada por busca de melhores resultados e dívidas

Empresas em reestruturação trocam comando por pressão de credores e acionistas em 2024

Mônica Scaramuzza e
Fernanda Guimarães
De São Paulo

O ano de 2024 foi marcado por intensa troca de CEOs em importantes companhias, reflexo do processo de reestruturação de boa parte das empresas, além da pressão de acionistas e credores por melhores resultados, apurou o Valor com fontes a par do assunto. No dia 12 de novembro, a Viçara anunciou uma nova troca de seu principal executivo — a quarta mudança apenas neste ano, em um movimento de seu fundador Nelson Kaufman impor um nome de sua confiança. Também no varejo Marisa e Rede Dia, ambas em reestruturação, trocaram seus presidentes este ano, sendo que na varejista de moda houve duas alterações em um único mês. Já na indústria, a substituição do alto escalão está intenso, seja por baixa performance do negócio ou por alto endividamento — ou ambos.



Gustavo Pimenta foi eleito presidente da Vale, após processo conturbado



Marcelo Martins, presidente da Cosan, é nome de confiança de fundador do grupo

Em outubro, o grupo Cosan anunciou uma dança de cadeiras nas suas principais holdings de negócios, que incluíram Raizen, Rumo e Cosan Investimentos. Foi a maior mudança de gestão da companhia desde que o grupo promoveu sua oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) no início dos anos 2000. O mandato para os novos gestores do conglomerado de Rubens Ometto será reduzir a alavancagem das companhias. O grupo aumentou o endividamento, em parte por conta do pesado investimento para se tornar acionista da Vale.

Há muitas empresas fazendo mudanças no "top management" (topo do comando), em um cenário de endividamento elevado e alta de juros, o que tem levado a um número maior de empresas a fazer reestruturação, afirmou ao Valor Daniel Wainstein, sócio e presidente da Seneca Evercore.

"Diante deste contexto, os acionistas decidem trocar o principal executivo para buscar

um CEO com um perfil mais adequado para o atual cenário da empresa", disse Wainstein.

Segundo o executivo, muitas companhias em reestruturação sofrem pressão de credores e investidores para criar mais liquidez para resolver o problema de dívida. "Há investidores, sobretudo em casos de 'special situations' que buscam a troca do gerenciamento para promover reestruturação mais rápida." Dentre empresas que seguiram esse caminho neste ano estão nomes como ZW, Sequoia e ainda a Agrogalaxy.

Na Parapanema, em recuperação judicial, por exemplo, a troca de CEO acaba de ocorrer para substituir uma gestão interina, que tinha assumido há empresa há dois anos para colocar a casa em ordem. Ex-Marisa até fevereiro, João Nogueira, assumiu o comando da indústria refinadora de cobre. Na Tel Oi, uma troca deverá ocorrer em breve, com acionistas buscando um CEO especializado em atuar em situações de crise, conforme já noticiou o Valor.

"A maior troca de CEOs tem relação direta com ciclos econômicos. As empresas têm uma relação forte com indicadores econômicos e em períodos de mais desafios se observa mais esse movimento", afirmou o professor de finanças da FGV, Joelson Sampaio. Ele aponta que o contexto de maiores juros, inflação e câmbio depreciado aumenta os desafios das empresas, algo que leva a pressão de investidores por resultados. "É essa maior pressão acaba se traduzindo em troca de CEOs e é isso que estamos observando em 2024", diz.

Outra troca marcante do ano ocorreu no Bradesco, depois de um período de resultado aquém do esperado pelo mercado. A petroquímica Braskem, que vive momento de baixa do ciclo de insumos, também anunciou mudança no comando.

A chegada de novos investidores ao negócio em empresas que não estão necessariamente em crise também costuma passar por mudança de gestão. O caso mais recente é o da Sabesp, que foi privatizada e tem a Equatorial como principal acionista de referência. Com o evento, o executivo Carlos Fanti chegou para comandar a companhia de saneamento nesta nova fase de expansão.

Este ano, importantes companhias anunciaram mudança no processo sucessório. Beto Abreu, ex-Rumo, substituiu Walter Schalka, que deixou o dia a dia da Suzano para ir para o conselho, e a WEG anunciou Alberto Kuba como presidente. Nesses dois casos, a alteração já estava programada.

"É importante entender que nem sempre a saída de um CEO é um sinal negativo para a empresa. Em muitos casos, a troca de liderança pode ser um passo necessário para garantir o sucesso a longo prazo da organização",

"A mudança no alto escalão reflete cenário de alta de juros e endividamento"
Daniel Wainstein

afirmou o especialista em psicologia empresarial, Fredy Figner.

Dois importantes companhias do país — Petrobras e Vale — também estiveram nos holofotes por conta da ingerência do governo no processo sucessório.

No caso da Vale, a substituição já estava prevista e a definição seria anunciada em janeiro para o executivo assumir o cargo em maio deste ano. No ano passado, contudo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva quis impor o nome do ex-ministro da Fazenda, Guido Mantega, provocando um racha no conselho de administração, conturbando por meses a escolha do novo CEO. Gustavo Fimberti, principal executivo financeiro foi escolhido em agosto, substituindo Eduardo Bartolomeo, com a missão de melhorar o trânsito da mineradora com o governo federal e retomar os projetos de expansão.

Já Jean Paul Prates foi demitido da Petrobras em maio, em meio a uma fritura de parte da base do governo — ele foi substituído pela executiva Magda Chambriard. Procurada pelo Valor, a Vale não comentou. A Petrobras informou, por meio de sua assessoria, que mantém os posicionamentos públicos divulgados em maio, quando aceitou o pedido de renúncia de Prates e a indicação de Chambriard para o comando. A Cosan também informou que mantém o posicionamento público de mudança de comando em outubro.

O presidente do conselho de administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi, disse que a mudança de executivos foi "uma medida de atualização necessária aos desafios de mercado. A pandemia mudou toda a relação de troca da economia, as formas de funcionamento dos modelos de negócio e, ainda, trouxe uma política econômica global diferente, que privilegiou o aumento da liquidez e juros baixos. Segundo ele, Marcelo Noronha possui, assim, o perfil adequado ao atual momento. "O objetivo definido pelo conselho de administração é a recuperação da rentabilidade de antes da pandemia. E isso será conseguido de forma sustentável e estrutural. O importante é consolidar um caminho coerente e sólido."

Em comunicado, a Parapanema disse que a troca de CEO era mais um passo de seu processo de recuperação judicial, após o fim da gestão interina que assumiu o comando da companhia para sua reestruturação. Agora, com a chegada de João Nogueira Batista, o momento é de se olhar o longo prazo. A Suzano reiterou material divulgado na época da troca do presidente, em que destaca que Beto Abreu chega à fabricante de celulose com "a missão de dar andamento ao plano estratégico".

A Rede Dia afirmou, em nota, que em maio "deu início a uma nova fase de sua trajetória", com a chegada de Fabio Farina. "A empresa definiu uma estratégia clara: manter a continuidade operacional, concluir o processo de recuperação judicial, aprimorar o atendimento ao cliente e fortalecer a competitividade no mercado brasileiro."

A Sequoia, por sua vez, disse que após o processo de reestruturação "vislumbra um novo ciclo positivo que se abre para o negócio" a partir de 2025, mais preparada para a retomada operacional com maior solidez e rentabilidade" e que a



Marcelo Noronha assumiu a presidência do Bradesco com foco em renovação



Ex-Rumo, Beto Abreu foi escolhido para a nova fase de expansão da Suzano

chegada de Alexandre Rodrigues, seu novo presidente, marca uma nova fase na companhia. "Superado o desafio financeiro, o foco agora é a transformação estrutural e operacional, liderada por um executivo com vasta experiência em logística, operações industriais e serviços", afirma.

Já a rede varejista de joias Viçara não comentou o assunto e reiterou as informações divulgadas ao mercado pela sua área de relações com investidores. A Braskem informou que a entrada de um novo diretor-presidente faz parte de um processo estruturado de sucessão.

"Roberto Ramos é formado em engenharia mecânica pela UFRJ e possui extensa bagagem como conselheiro, empresário e executivo. Ele liderou a Ocyan como diretor-presidente."

Também procuradas, a Oi, Agrogalaxy, Sabesp não quiseram se manifestar sobre o tema. Já a rede de moda feminina Marisa informou, por meio de

seu assessoria, que a mudança de CEO com a chegada de Edson Garcia, significou a combinação de um correto posicionamento estratégico com a disciplina financeira. Segundo a rede, após o processo de reestruturação, "as Lojas Marisa alcançaram números expressivos e está virando o jogo". "No terceiro trimestre, a receita da Marisa cresceu 55%, a receita da Ebtida aumentou R\$ 108 milhões, o que representou um crescimento de 163%. O resultado desse balanço mostra que estamos no caminho certo", informou a companhia.

Leia mais sobre troca de gestão na B4

"A maior troca de CEOs tem relação com indicadores econômicos"
Joelson Sampaio

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas Caderno: B Pagina: 1